

MORAL CRISTÃ PARA NIETZSCHE

CHRISTIAN MORAL TO NIETZSCHE

Raquel Evelin Gonçalves Coltro¹

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo expor algumas considerações de moral cristã através de pesquisa na obra “Genealogia da moral” escrita em 1887 por Friedrich Wilhelm Nietzsche que leva sua crítica da existência moral e religiosa e, em geral, da cultura abstrata, definindo a sua concepção da existência como “imoral”. Trata-se de uma reflexão que busca expor o pensamento da filosofia nietzschiana sobre moral cristã, tema que fomenta discussões e polêmicas, podendo-se dizer, um verdadeiro campo minado. Abordaremos a vingança operada pelos sacerdotes que, através do judaísmo e do cristianismo, obtiveram sua desforra contra seus inimigos, invertendo as premissas vigentes, bem como, o cristianismo, que para Nietzsche representa uma religião decadente que aspira o nada, cujos valores dissolveram a mesquinhez histórica.

Palavras Chaves: Moral Cristã. Friedrich Nietzsche. Genealogia da moral.

ABSTRACT

This paper aims to present some considerations Christian morality by searching the book "Genealogy of Morals" written in 1887 by Friedrich Wilhelm Nietzsche who takes his critique of moral and religious existence and, in general, the abstract culture, defining its conception of existence as "immoral." It is a reflection that seeks to expose the thought of Nietzsche's philosophy on Christian morality, a topic that fosters discussion and controversy, and may be said, a real minefield. Discuss revenge operated by priests who, through Judaism and Christianity, got their revenge against their enemies, reversing the prevailing assumptions, as well as Christianity, which for Nietzsche represents a decadent religion that aspires to nothing, whose values dissolved pettiness History.

Key Words: Christian morals. Friedrich Nietzsche. Genealogy of Morals.

1 Mestranda em Direitos Humanos Fundamentais pela UNIFIEO. Pós-graduada em Processo Civil e Civil pela UNIFIEO. Especialista em Didática do Ensino Superior pela UNIFIEO. Advogada.

INTRODUÇÃO

“O medo é o pai da moralidade.”

Friedrich Nietzsche

O presente artigo consistirá em apresentar considerações sobre moral cristã através de pesquisa na obra “Genealogia da moral” publicada em 1887 por Friedrich Wilhelm Nietzsche. Nesta obra, Nietzsche tece crítica à moral vigente a partir do estudo da origem dos princípios morais que regem o Ocidente desde Sócrates.

Nietzsche pensa a procedência de nossos preconceitos morais, levando sua crítica da existência moral e religiosa e, em geral, da cultura abstrata, definindo a sua concepção da existência como “imoral”, fazendo-nos vários questionamentos. O artigo fará um breve percurso sobre o pensamento de Nietzsche. A partir daí passaremos por aspectos da vingança e do cristianismo, para após adentrarmos ao tema proposto da moral cristã em Nietzsche. Na conclusão, esperamos refletir sobre a moral cristã lançada pela filosofia nietzschiana.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE NIETZSCHE

O pensamento de Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900) situa-se no século XIX e surge no cenário filosófico ocidental como um “instrumento de desconstrução” do soberbo edifício metafísico no qual se assenta todos os valores ocidentais e sua moral. Nascido numa família luterana (Ramo do Cristianismo Ocidental), sendo destinado a ser pastor como seu pai e seu avô, rejeitou a crença religiosa durante sua adolescência, após *“descobrir sua paixão pela filosofia clássica. Esse estudo leva-o a uma crise religiosa, que será uma das causas principais do seu afastamento espiritual da mãe e da irmã”* (PENZO & GIBELLINI, 2002, p. 24).

Apreciava muito a natureza, dos pré-socráticos, pois a filosofia dos pré-socráticos é afirmadora da vida e da natureza, pois o pensamento está unido com esse fenômeno, a vida. O pessimismo estava presente na arte, pois os gregos conheciam a dureza da vida. A complementação que existia nas experiências antagônicas do Dinosíaco e Apolíneo foi destruída pela civilização. Para Nietzsche *“só com a arte são reveladas as forças cósmicas originárias, representadas pelos fenômenos do apolíneo (diálogo) e do dionisíaco (visto na música como coro). O fenômeno do dionisíaco é cada vez mais tratado por Nietzsche nas*

obras posteriores, até confundir-se com seu próprio filosofar” (PENZO & GIBELLINI, 2002, pp. 26-27).

Ao referir-se a Tales de Mileto (623 e 546 a.C) Nietzsche disse: *“A Filosofia grega parece começar com uma idéia absurda, com a proposição: a água é a origem e a matriz de todas as coisas. Será mesmo necessário determo-nos nela e levá-la a sério? Sim, e por três razões: em primeiro lugar, porque essa proposição enuncia algo sobre a origem das coisas; em segundo lugar, porque o faz sem imagem e fabulação; e, enfim, em terceiro lugar, porque nela, embora apenas em estado crisálida, está contido o pensamento: ‘Tudo é Um’. A razão citada em primeiro lugar deixa Tales ainda em comunidade com os religiosos e supersticiosos, a segunda o tira dessa sociedade e no-lo mostra como investigador da natureza, mas, em virtude da terceira, Tales se trona o primeiro filósofo grego” (COTRIM, 1987, p. 119).*

Nietzsche criticava os Filósofos Sócrates, Platão, Aristoteles, Martinho Lutero, Immanuel Kant, entre outros. Essas críticas, em geral, estão relacionadas à concepção de Deus, ao pessimismo, à democracia, ao socialismo, ao cristianismo, ao niilismo, entre outros pontos.

Sócrates (469-399 a.C) considerado divisor de águas para a filosofia antiga, sobretudo pelo fato de situar seu campo de especulação não na cosmovisão das coisas e da natureza, mas na natureza humana e em suas implicações ético-sociais, tinha como acusação:

que estaria corrompendo a juventude e cultuando outros deuses e, não obstante ter-se dedicado a vida inteira a pregar o contrário disso, resignou-se à justiça de seus acusadores, em nome do respeito à lei que a todos regia em Atenas. Isso porque a obediência à lei era para esse pensador o limite entre a civilização e a barbárie; onde residem as idéias de ordem e coesão, pode-se dizer garantida a existência e manutenção do corpo social. Isso haveria de influenciar profundamente o pensamento de seu discípulo, Platão, em seu afastamento da política e em sua decepção com a justiça humana. (BITTAR, 2012, p. 103)

Para Nietzsche, Sócrates corrompeu a atividade grega, com as suas teorias, e realçou o lado frouxo do caráter ateniense e corrompeu a juventude, sendo o responsável pela divisão, na autoconsciência, do aparente e do real, no novo culto ao entendimento, ao dizer que nada sabia. Assim, o caráter da filosofia passa a ser, julgar a vida, humanizar a natureza, iluminar a escuridão do mundo com a luz tênue da razão. Nas suas conversas e perambulações descobriu que os homens não tinham conhecimento seguro de suas atividades, não resistiam à sua dialética e à sua maiêutica, eles agiam apenas por instinto. O instinto passa, de força criadora,

a ser crítico. Sócrates teve que pagar por sua audácia, e sua serenidade diante da morte o tornou um exemplo e o novo ideal da juventude ateniense, lamenta Nietzsche.

Nietzsche pretendeu ser o grande "desmascarador" de todos os preconceitos e ilusões do gênero humano. Assim, a religião, a política e a moral tradicional, principalmente esboçada por Kant, são para ele nada mais que máscaras que escondem uma realidade inquietante e ameaçadora, cuja visão é difícil de suportar. A moral para Immanuel Kant (1724-1804) está centrada no conceito de imperativo, onde o homem não deve agir desta ou daquela maneira, por ser livre, mas é livre porque deve fazer algo que lhe dita a consciência de modo irrefragável. A moralidade Kantiana é *“a relação das ações com a autonomia da vontade, isto é, com a possível legislação universal, por meio das máximas da mesma. A ação que possa coadunar-se com a autonomia da vontade é permitida; a que não concorde com ela é proibida.”* (KANT, 1997).

A filosofia Nietzscheana aponta o budismo e o cristianismo como duas religiões da decadência, expondo que o budismo não promete, mas assegura; e o Cristianismo promete tudo, mas não cumpre nada (sendo a maior desgraça da humanidade, por ter desprezado o Corpo).

O mundo para Nietzsche não é ordem e racionalidade, mas desordem e irracionalidade. Seu princípio filosófico não era, portanto, Deus e razão, mas a vida que atua sem objetivo definido, ao acaso, e por isso se está dissolvendo e transformando-se em um constante devir. *“Denuncia com paixão a vaidade das construções científicas, estranhas à vida. Não quer reconhecer nem lei, nem valor, fora da livre expansão do pleno manifestar-se da força vital. Nietzsche se fez o profeta de uma moral baseada na força que deve preparar a vinda de uma “cultura aristocrática” que o super-homem (Übermensch), síntese futura das forças ainda dispersas, poderá atingir”* (RAEYMAEKER, 1973, p. 151)

Para Nietzsche a verdade não tem importância; verdades indubitáveis, objetivas e eternas não são reconhecíveis. A verdade é sempre subjetiva.

Segue-se que "justo" e "injusto" existem apenas a partir da instituição da lei. Falar de justo e injusto em si carece de qualquer sentido; em si, ofender, violentar, explorar, destruir não pode naturalmente ser algo "injusto", na medida em que essencialmente, isto é, em suas funções básicas, a vida atua ofendendo, violentando, explorando, destruindo, não podendo sequer ser concebida sem esse caráter.

Há uma questão central no pensamento de Nietzsche, relativa a crítica ao modelo ocidental de pensamento com sua crença de que há verdade por debaixo do acontecer, fundando os fenômenos e determinando a vida. Suas declarações ressoam com atualidade quando denunciam a degradação dos valores humanos, relacionada a uma vida de negação e decadência. Ainda que no século XIX, diagnóstica uma predominância de um grande cansaço na humanidade, relacionado principalmente ao modo de vida desenvolvido pela civilização ocidental judaico-cristã.

Na obra para Genealogia da Moral: uma polêmica, Nietzsche afirma que suas convicções e conceitos encontram-se “mais fortes, mais perfeitos!”, que estaria, ainda, firmado neles, que eles próprios desde então se firmaram cada vez mais entre si, e até mesmo cresceram juntos e se entrelaçaram. É o que fortalece em Nietzsche *“a alegre confiança de que poderiam, desde o começo, não ter nascido isolados, em arbitrariamente, nem esporadicamente, mas sim a partir de uma raiz comum, de algo que dita ordens em profundidade, que fala cada vez com mais determinação, que reclama algo cada vez mais determinado: de uma vontade fundamental de conhecimento”* (NIETZSCHE, 1998, p. 02).

Tem, entre seus principais livros: O nascimento da tragédia e as Considerações extemporâneas (1873-1876); Humano, demasiado humano (1878); Assim falou Zaratustra (1883-1885); Para além do bem e do mal (1886); Crepúsculo dos ídolos (1889) e O anticristo (1895).

2. VINGANÇA EM GENEALOGIA DA MORAL

Na obra *Genealogia da moral*, Nietzsche aborda a vingança operada pelos sacerdotes que, através do judaísmo e do cristianismo, obtiveram sua desforra contra seus inimigos, invertendo as premissas vigentes.

Na sua impotência, o ódio toma proporções monstruosas e sinistras, torna-se a coisa mais espiritual e venenosa. Na história universal, os grandes odiadores sempre foram sacerdotes, também os mais ricos de espírito - comparado ao espírito da vingança sacerdotal, todo espírito restante empalidece. (NIETZSCHE, 1998, p. 09)

A atitude sacerdotal, que é caracterizada pelo ato da vingança, é manifestação de uma *vontade de vontade*, que é deduzida de uma perspectiva reativa a experiência de compreensão da vontade de poder.

O sacerdote é o que altera certas perspectivas, revalorando os valores vigentes. Nietzsche informa que o sacerdote ascético é *“a encarnação do desejo de ser outro, de ser-estar em outro lugar, é o mais alto grau desse desejo, sua verdadeira febre e paixão: mas precisamente o poder do seu desejo é o grilhão que o prende aqui; precisamente por isso ele se torna o instrumento que deve trabalhar para a criação de condições mais propícias para o ser-aqui e o ser-homem - precisamente com este poder ele mantém apegado à vida todo o rebanho de malogrados, desgraçados, frustrados, deformados, sofrendores de toda espécie, ao colocar-se instintivamente à sua frente como pastor. Já me entendem: este sacerdote ascético, este aparente inimigo da vida, este negador - ele exatamente está entre as grandes potências conservadoras e afirmadoras da vida...”* (NIETZSCHE, 1998, p. 48).

Isso comprova que o espírito de vingança, que promove o sacerdote, também é manifestação de vontade de poder.

Quando Nietzsche afirma que a alma humana torna-se “má” (NIETZSCHE, 1998, p. 08) isso não é um atestado do caráter do homem, mas a constatação de que agora este trafega num registro de bem e mau, de bom e de ruim. Para Nietzsche “bom” sempre esteve associado ao nobre, ao aristocrático, espiritualmente bem nascido, privilegiado e ao puro e o “ruim” vem dizer respeito ao plebeu, baixo, comum e impuro.

Nesse processo de transvaloração, notamos o ódio contra “aquilo que é, e não pode ser de outra maneira”, como o que impulsiona a vingança contra o modo de ser da própria vida. Nietzsche compara o modo sistemático da atuação da metafísica e aquilo que ele chama de “rebelião escrava da moral”, caracterizada pela atuação do próprio ressentimento através de vingança ao criar valores, quando cita que:

(...) o ressentimento dos seres aos quais é negada a verdadeira reação, a dos atos, e que apenas por uma vingança imaginária obtêm reparação. Enquanto toda moral nobre nasce de um triunfante Sim a si mesma, já de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro”, um “não-eu” – e este Não é seu ato criador. Esta inversão do olhar que estabelece valores - este necessário dirigir-se para fora, em vez de voltar-se para si - é algo próprio do ressentimento: a moral escrava sempre requer, para nascer, um mundo oposto ao exterior, para agir em absoluto - sua ação é no fundo reação. (NIETZSCHE, 1998, p. 10)

Na citação, verificamos Nietzsche apontar o *ressentimento*, que é a atitude daquele que se inconforma com o modo de ser da realidade (é a postura do sacerdote). É o ódio que marca a reatividade expressa na forma de vingança contra algo que não se pode alterar, algo já ocorrido de forma intangível. *O ressentimento é reação contra a ação da vida, é seu movimento de ser.*

Acometidos de “vingança”, os judeus promoveram a inversão dos valores, conforme afirmar Nietzsche quando menciona: *“Foram os judeus que, com apavorante coerência, ousaram inverter a equação de valores aristocrática (bom = nobre = poderoso = belo = feliz = caro aos deuses), e com unhas e dentes (os dentes do ódio mais fundo, o ódio impotente) se apegaram a esta inversão, a saber, “os miseráveis somente são os bons, apenas os pobres, impotentes, baixos são bons, os sofredores, necessitados, feios, doentes são os únicos beatos, os únicos abençoados, unicamente para eles há bem-aventurança - mas vocês, nobres e poderosos, vocês serão por toda a eternidade os maus, os cruéis, os lascivos, os insaciáveis, os ímpios, serão também eternamente os desventurados, malditos e danados!...”*. Acrescenta que *“não é de admirar: tudo o que é longo é difícil de ver, ver inteiro. Mas isto é o que aconteceu: do tronco daquela árvore da vingança e do ódio, do ódio judeu – o mais profundo e sublime, o ódio criador de ideais e recriador de valores, como jamais existiu sobre a terra”* (NIETZSCHE, 1998, p. 09).

Nietzsche lamenta, pois com a vingança dos judeus e sua tresvaloração dos valores, fez com que Israel triunfasse sobre todos os outros ideais, inclusive, “sobre todos os ideais mais nobres” (NIETZSCHE, 1998, p. 10).

Com isso, justificamos a afirmação de Nietzsche de que ressentimento é reação, e vingança é a atitude daquele que não age tragicamente, isto é, não aquiesce vida em seu modo constitutivo de ser enquanto vontade de poder/eterno retorno.

3. CRISTIANISMO EM GENEALOGIA DA MORAL

Por cristianismo, compreendemos *“uma doutrina sobre a natureza de Deus e do homem, sobre a origem do mundo e da humanidade, sobre a divina providência, as relações entre o homem e Deus, o destino da pessoa humana etc.”* (RAEYMAEKER, 1973, p. 85)

Segundo o pensamento filosófico cristão, o homem é tido como um ser livre e responsável, a quem compete construir seu destino. Ocorre que, ao longo da vida, o homem nem sempre escuta a voz interior de sua consciência moral - que nos inclina naturalmente para a virtude –

e, movido por tentações imediatistas, pratica ações contra o amor a Deus e ao próximo. Nessas ações é que reside o vício ou o pecado: um desrespeito às leis naturais e eternas, que expressam a ordem divina. Para o Cristianismo, “*o pecado não consiste exclusivamente em atitudes sociais que prejudicam os trabalhadores oprimidos – como poderiam ensinar os marxistas; tampouco se resume na conduta que ofende, unicamente, a natureza humana – como defende o Humanismo. O pecado pode ser tudo isso, porem contém algo a mais: é a ofensa voluntária praticada contra o amor a Deus e às suas criaturas.* (COTRIM, 1987, p. 80)”· Diferentemente de outras religiões da Antiguidade, que eram nacionais e políticas, o cristianismo nasce como religião de indivíduos que não se definem por seu pertencimento a uma nação ou a um Estado, mas por sua fé num mesmo e único Deus, sendo certo que “*a vida ética do cristão não será definida por sua relação com a sociedade, mas por sua relação espiritual e interior com Deus*” (CHAUI, 1997, pp. 342-343)·

Mesmo quando, a partir do Renascimento, a filosofia moral distancia-se dos princípios teológicos e da fundamentação religiosa da ética, a ideia do dever permanecerá como uma das marcas principais da concepção ética ocidental. Com isso, a filosofia moral passou a distinguir três tipos fundamentais de conduta:

1. *A conduta moral ou ética, que se realiza de acordo com as normas e as regras impostas pelo dever;*
2. *A conduta imoral ou anti-ética, que se realiza contrariando as normas e as regras fixadas pelo dever;*
3. *A conduta indiferente à moral, quando agimos em situações que não são definidas pelo bem e pelo mal, e nas quais não se impõem as normas e as regras do dever* (CHAUI, 1997, p. 343).

Juntamente com a idéia do dever, “*a moral cristã introduziu uma outra, também decisiva na constituição da moralidade ocidental: a idéia de intenção. O dever não se refere apenas às ações visíveis, mas também às intenções invisíveis, que passam a ser julgadas eticamente*” (CHAUI, 1997, p. 344). Eis por que um cristão, quando se confessa, obriga-se a confessar pecados cometidos por atos, palavras e intenções. Sua alma, invisível, tem o testemunho do olhar de Deus, que a julga.

Nietzsche parte para sua *Genealogia da moral*, pautando na sua primeira dissertação a psicologia do cristianismo, o qual indignado menciona “*um certo desamor e rancor subterrâneo ao cristianismo (e a Platão), que talvez não tenha sequer alcançado o limiar da consciência?* (NIETZSCHE, 1998, p. 05)”·

Quando Nietzsche investigou o começo do cristianismo no mundo romano, notou associações para auxílio mútuo, tal como, associações de pobres e de enfermos, com objetivo de cultivar conscientemente alegria da beneficência mútua, afastando a depressão. Neste momento questiona Nietzsche, se isto seria algo novo então? Nota que esta vontade de “formar rebanho”, “comunidade”, “cenáculo”, faz parte, na verdade, de um avanço e vitória essencial na luta contra a depressão. A partir deste avanço, o crescimento da comunidade fortalece no indivíduo um novo interesse, “sua aversão a si mesmo”. Nietzsche observou que *“todos os doentes, todos os doentios, buscam instintivamente organizar-se em rebanho, na ânsia de livrar-se do surdo desprazer e do sentimento de fraqueza: o sacerdote ascético intui esse instinto e o promove; onde há rebanho, é o instinto de fraqueza que o quis, e a sabedoria do sacerdote que o organizou.”* (NIETZSCHE, 1998, p. 55).

Segundo Nietzsche, o cristianismo concebe o mundo terrestre como um vale de lágrimas, em oposição ao mundo da felicidade eterna do além. Essa concepção constitui uma metafísica que, à luz das idéias do *“outro mundo que não o da vida, da natureza e da história* (NIETZSCHE, 1998, p. 62); autêntico e verdadeiro, entende o terrestre, o sensível, o corpo, como o provisório, o inautêntico e o aparente. Trata-se, portanto, diz Nietzsche, de *“um platonismo para o povo”*, de uma vulgarização da metafísica, que é preciso desmistificar. O cristianismo, para Nietzsche, é a forma acabada da perversão dos instintos que caracteriza o platonismo, repousando em dogmas e crenças que permitem à consciência fraca e escava escapar à vida, à dor e à luta, e impondo a resignação e a renúncia como virtudes, conforme afirma:

(...) desta maneira pereceu o cristianismo como dogma, por obra de sua própria moral; desta maneira, também o cristianismo como moral deve ainda perecer - estamos no limiar deste acontecimento. Depois que a veracidade cristã tirou uma conclusão após outra, tira enfim sua mais forte conclusão, aquela contra si mesma; mas isso ocorre quando coloca a questão: "que significa toda vontade de verdade?" (NIETZSCHE, 1998, p. 66)

São os escravos e os vencidos da vida que inventaram o além para compensar a miséria; inventaram falsos valores para se consolar da impossibilidade de participação nos valores dos senhores e dos fortes; forjaram o mito da salvação da alma porque não possuíam o corpo; criaram a ficção do pecado porque não podiam participar das alegrias terrestres e da plena satisfação dos instintos da vida. *“O cristianismo, em especial, pode ser considerado um grande tesouro dos mais engenhosos meios de consolo, pelo tanto de aliviador, mitigador,*

narcotizante que há nele acumulado, (...) Pois falando em termos gerais: em todas as grandes religiões, a questão principal sempre foi combater uma certa exaustão e gravidade tornada epidemia (NIETZSCHE, 1998, p. 67)", diz Nietzsche.

Cristianismo, para Nietzsche, trata-se de “um alívio momentâneo” (NIETZSCHE, 1998, p. 34) intitulado como golpe de gênio, onde o próprio Deus se sacrificando pela culpa dos homens, o próprio Deus pagando a si mesmo, Deus como o único que pode redimir o homem daquilo que para o próprio homem se tornou irredimível - o credor se sacrificando por seu devedor, por *amor*, por amor a seu devedor!...

Cita Nietzsche que *“o cristianismo, em especial, pode ser considerado um grande tesouro dos mais engenhosos meios de consolo, pelo tanto de aliviador, mitigador, narcotizante que há nele acumulado, pelo tanto de perigoso e temerário que arriscou para esse fim, pelo modo sutil, refinado, meridional-refinado com que intuiu sobretudo os afetos estimulantes com que pode ser vencida a funda depressão, o cansaço de chumbo, a negra tristeza dos fisiologicamente travados. Pois falando em termos gerais: em todas as grandes religiões, a questão principal sempre foi combater uma certa exaustão e gravidade tornada epidemia.”* (NIETZSCHE, 1998, p. 52).

A filosofia Nietzscheana aponta o cristianismo como religião decadente, onde tudo promete, mas nada cumpre (sendo a maior desgraça da humanidade, por ter desprezado o Corpo). Nietzsche afirma que o cristianismo é religião que aspira o nada, cujos valores dissolveram a mesquinhez histórica. Cita: *“por muito e muito tempo, esses gregos se utilizaram dos seus deuses precisamente para manter afastada a "má consciência", para poder continuar gozando a liberdade da alma: uso contrário, portanto, ao que o cristianismo fez do seu Deus.* (NIETZSCHE, 1998, p. 35)

Vale trazer o pensamento de Nietzsche, quando aborda nossos hábitos e preconceitos, ao dizer que:

Se pudéssemos contemplar a doutrina cristã e a história da Igreja com olhar isento e livre, teríamos de expressar opiniões contrárias às idéias geralmente aceitas. Porém, desde os nossos primeiros dias estreitados no jugo do hábito e dos preconceitos, e pelas impressões da infância inibidos na evolução natural de nosso espírito e condicionados na formação de nosso temperamento, acreditamos dever considerar quase um delito, se escolhemos um ponto de vista mais livre, a partir do qual possamos emitir, sobre a religião e o cristianismo, um juízo imparcial e adequado aos tempos. (NIETZSCHE, 1998, p. 67)

Nietzsche acrescenta que ocorrerá grandes reviravoltas, resultado de uma interminável confusão de idéias entre o povo, exatamente quando “*a massa perceber que todo o cristianismo se baseia em conjecturas*” (NIETZSCHE, 1998, p. 66).

4. MORAL CRISTÃ PARA NIETZSCHE

Antes de adentrarmos ao título que é proposto, considerando que na obra “Para genealogia da moral: uma polêmica” Nietzsche busca interpretar a procedência de nossos preconceitos morais, em especial a origem do valor da moral, nada mais oportuno do que trazermos o conceito de ética e moral, compreendido tradicionalmente, pela filosofia.

Por ética (*ethos=comportamento*), compreendemos como “*parte da Filosofia que se ocupa com o valor do comportamento humano, onde investiga o sentido que o homem imprime à sua conduta para ser verdadeiramente feliz. Pertencem ao vasto campo da Ética a reflexão sobre os valores da vida, a virtude e o vício, o direito e o dever, o bem e o mal*” (COTRIM, 1987, p. 74). Sendo uma disciplina prática, a Ética procura responder a questões do tipo: que devo fazer? Como devo ser? Como devo agir? Quando essas questões éticas são colocadas pelos indivíduos e respondidas por suas conseqüências, surgem as normas morais.

Por moral, entendemos o que, tradicionalmente, a filosofia compreende como: “*a) tudo que é relativo aos bons costumes ou às normas de comportamento admitidas e observadas, em certa época, numa dada sociedade (Durkheim, Lévy-Bruhl, Shaftesbury e Hutcheson); b) conjuntos de preceitos baseados na justiça e na equidade (Paulo Matos Peixoto); c) o que pertence ao domínio do espírito e ao da matéria; d) certeza que tem por base grandes possibilidades e não provas absolutas; e) o que é decente; f) parte da filosofia que se ocupa dos atos humanos, dos bons costumes e dos deveres sociais do ser humano; g) ética que estuda o comportamento disciplinado por normas. Já, por moral cristã (direito canônico) trata-se do conjunto de preceitos contidos no evangelho*” (DINIZ, 2008, p. 333).

Na obra “Para a genealogia da moral: uma polêmica” Nietzsche “*leva adiante a sua crítica da existência moral e religiosa e, em geral, da cultura abstrata, definindo a sua concepção da existência como ‘imoral’*” (PENZO & GIBELLINI, 2002, p. 28).

Essa análise da gênese dos valores revela dois tipos fundamentais de atitude perante a vida: uma atitude decadente (fraca ou negativa) e uma atitude sadia (forte ou positiva). Trata-

se de uma avaliação dos valores que o homem ocidental tem promovido no século XIX, avaliando ao mesmo tempo o tipo de vida e a manifestação perante a vida.

Nietzsche nota que a cultura ocidental tem sido dominada por valores próprios de homens decadentes, falhados, incapazes de aderir à vida na sua totalidade complexa, sendo a expressão de um tipo dominante de homem com *“uma vontade de nada, uma aversão à vida, uma revolta contra os mais fundamentais pressupostos da vida”* (NIETZSCHE, 1998, p. 66) homem este que se sente impotente perante a realidade sensível da vida, no qual procura no outro mundo consolo, e como forma de se vingar deste mundo, desvaloriza-o, negando-o. O instinto que está por trás de um juízo “pode ser afirmador ou negador da vida, pode representar uma linha ascendente ou descendente em termos de força e plenitude” (CAMARGO, 2008).

O principal fator de fundamentação da moral cristã em Nietzsche se constitui no *“medo”* (NIETZSCHE, 1998, p. 33) *que é acrescido com o castigo, que intensifica a prudência e o controle dos desejos*. Nietzsche diz que é esse medo que gera a angústia diante da vida e acarreta a busca do perdão de "Deus". Em seu entender, o sacerdote que administra o perdão, seria um grande problema, uma vez que a lei de “Deus”, falada pela sua pessoa, transforma-se na moral cristã vigente. Agindo desta forma, o sacerdote personifica “Deus” julgando os homens e controlando o comportamento das pessoas por meio da moral cristã, mantendo com este poder *“à vida de todo o rebanho de malogrados, desgraçados, frustrados, deformados, sofredores de toda espécie, ao colocar-se instintivamente à sua frente como pastor”* (NIETZSCHE, 1998, p. 48).

Define Nietzsche o padre ascético, como agente da intoxicação e da corrupção generalizada da vida, sendo *“um fraco, um homem que, consumido pelo desejo do Além, despreza esta vida, julgando-a inferior, mas é também determinado pelo desejo de exercer um ascendente sobre os homens”* (www.filosofia.platanoeditora.pt).

Afirma que o padre ascético *“só pode conservar o seu poder envenenando ao mesmo tempo que cura. «Os teus pecados estão perdoados mas tu continuas a ser, em virtude do Pecado Original, um pecador.» Tornados todos os homens pecadores, o padre ascético está em condições de exercer o seu domínio sobre os homens”* (www.filosofia.platanoeditora.pt) O padre ascético, na verdade, tem a receita que visa salvar os pecadores da perdição e essa receita de salvação é a moral cristã.

O sacerdote ascético é a encarnação do desejo de ser outro, de ser-estar em outro lugar, é o mais alto grau desse desejo, sua verdadeira febre e paixão: mas precisamente o poder do seu desejo é o grilhão

que o prende aqui; precisamente por isso ele se torna o instrumento que deve trabalhar para a criação de condições mais propícias para o ser-aqui e o ser-homem (NIETZSCHE, 1998, p. 48).

Para Nietzsche, ser eternamente recompensado no "Reino de Deus" por essa existência terrena "no amor, na fé, na esperança" (NIETZSCHE, 1998, p. 15), sujeição à vontade de Deus e "humildade" não passam de um véu para o covarde temor de afrontar com decisão o destino. Por esta razão, a moral cristã para Nietzsche não passa de um aprisionamento para o homem, onde o homem cristão, se deixa guiar passionalmente por acreditar que o sacerdote o levará ao paraíso com a graça de "Deus".

Nietzsche repulsa a doutrina cristã, chamando-a de "moral de rebanho", expondo que a moral cristã é decadente, imoral, criminosa, antinatural, doentia e dualista. Vejamos:

A moral cristã é decadente porque dignifica os falhados da vida. É imoral porque transforma em dever a vontade do nada, a negação da vontade de viver plenamente «esta vida». É criminosa porque declara que é preciso matar as paixões, os instintos. Esta moral é antinatural, declara guerra à natureza. É doentia porque exige, como condição da santidade, a mortificação e a crucificação da vida (do corpo). É dualista porque baseada na proliferação das antinomias: alma-corpo, aquém--além, céu-terra, profano-sagrado, etc. (www.filosofia.platanoeditora.pt)

A moral cristã que arrebanha crentes para cultuar "Deus" recruta culpados para que "ele" seja reconhecido como tal. O menosprezo pelo homem que eleva "Deus" torna-o algoz do homem. Foi por isso que Nietzsche armou no Anticristo: "Deus está morto". Todavia, Nietzsche não mata Deus "mas limita-se a constatar a ausência do divino na cultura do seu tempo, acusando, pelo contrário, por essa ausência e morte, o pensamento metafísico. O livre pensador que com arrogância substitui por seu eu o divino seria, no fundo, o filho natural do pensamento metafísico. Com a rejeição da tese da fé-segurança, que busca fundar-se numa certeza típica da ciência, Nietzsche critica também, embora indiretamente, o espírito que levava 'a secularização inautêntica ou ao secularismo do cristianismo'" (PENZO & GIBELLINI, 2002, p. 32)

A moral cristã está ligada com a figura habilidosa do sacerdote. Neste contexto, Nietzsche lembra que o mais perigoso dos explosivos humanos, chama-se ressentimento. Fazer este explosivo "descarregar" sem comprometer todo rebanho, seria a maior habilidade do sacerdote, que sabe mudar a direção do ressentimento" (NIETZSCHE, 1998, p. 51).

O problema da moral cristã, seu maior erro, diz Nietzsche, é querer mudar o homem para algo melhor. Quando trata da crueldade como algo natural do ser humano, Nietzsche informa que *“uma coisa sabemos doravante, não tenho dúvida - de que espécie é, desde o início, o prazer que sente o desinteressado, o abnegado, o que se sacrifica: este prazer vem da crueldade. - Apenas isso, no momento, sobre a origem do "não-egoísmo" como valor moral”* (NIETZSCHE, 1998, pp. 32-33).

Nietzsche aponta alguns malefícios que a moral cristã fez ao homem em geral, enjaular o humano (o animal) e domesticá-lo foi já transformá-lo em algo doente e estabelecer nele valores niilistas, porque se negou uma parte de sua própria natureza para dar lugar a outra (mutilada), ao racionalismo, apenas.

Pretende perguntar com isso onde está, afinal, o humano no cristão quando se comporta negando a sexualidade, o corpo, o amor como encontro com o outro (encontro até sexual). Em outras palavras, é possível perguntar: Que validade tem, afinal de contas, ser cristão se este vive ameaçado pela terrível punição de ser excluído da presença de Deus se não se comportar "bem"? Se não se enquadrar na sua "moral"? Para responder a isso, Nietzsche propõe "transvalorar" todos os valores.

A moral imortalizou a prática religiosa na vida cotidiana, impôs a noção de culpa, ao sujeito que a transgredia, e determinou as relações comerciais e afetivas entre os cidadãos por meio dos castigos. O homem, ao criar determinados valores, interpretou o mundo e a vida à luz de um sentido supra terreno, sendo isso sintoma de infidelidade à Terra, de impotência, de negação do mundo e da própria vida. Como lidar com a realidade da vida, muitas vezes causa insegurança, medo e tristeza, prescreveu o sacerdote o remédio, qual seja “culpado”, vejamos:

“(...)o sacerdote ascético não hesitou em tomar a seu serviço toda a matilha de cães selvagens que existe no homem, soltando ora um, ora outro, sempre com o mesmo objetivo, despertar o homem da sua longa tristeza, pôr em fuga ao menos por instantes a sua surda dor, sua vacilante miséria, e sempre sob a cobertura de uma interpretação e "justificação" religiosa. Todo excesso de sentimento dessa natureza tem o seu preço, está claro - ele torna o doente mais doente -: e por isso esse tipo de remédio contra a dor é, segundo a medida moderna, "culpado". É preciso insistir, porém, pois a equidade o exige, no fato de que ele foi aplicado com boa consciência,(...) do mesmo modo é preciso dizer que as veementes revanches fisiológicas de tais excessos, inclusive talvez as perturbações mentais, no fundo não contradizem realmente o sentido dessa espécie de medicação: a qual, como foi mostrado, não objetiva curar doenças, mas combater a depressão, diminuindo e amortecendo o seu desprazer. (NIETZSCHE, 1998, pp. 56-57)

Tudo isto foi o lamentável resultado de uma excessiva valorização da razão, de uma sobrevalorização do inteligível, sintoma, por sua vez, de um ódio declarado a tudo o que é sensível e terreno, tal como é visível no platonismo, no qual toda a cultura ocidental se inspirou.

Ao contrário dos métodos tradicionais, o objetivo do método genealógico não é demonstrar a verdade ou a falsidade de um determinado conjunto de teorias ou de doutrinas. Estas não têm sentido em si mesmas, são simplesmente juízos de valor ditados por uma certa vontade, por uma certa psicologia e fisiologia dos pensadores, em suma, por uma determinada vitalidade. São avaliações que se tornam sintomas, isto é, testemunhos do tipo de vida ou de homem que os produz. Diz Nietzsche:

Nos, que somos homens do conhecimento, não conhecemos a nós próprios; somos de nós mesmos desconhecidos e não sem ter motivo. Nunca nós nos procuramos: como poderia, então nos encontrássemos algum dia? Com razão alguém disse: 'onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração'. Nosso tesouro está onde se assentam as colméias do nosso conhecimento. Estamos sempre no caminho para elas como animais alados de nascimento e recolhedores do mel do espírito, nos preocupamos de coração propriamente de uma só coisa – de 'levar para casa algo'. O que é que em realidade vivemos?, e também "quem somos nós realmente?" (NIETZSCHE, 1998, p. 01)

Nietzsche, na obra genealogia da moral, mostra como os homens se deixam aprisionar por uma metafísica, ou seja, moral cristã, que é reproduzida de geração a geração e pela qual são punidos aqueles que desejam apontar suas contradições.

5. CONCLUSÃO

Moral Cristã é um assunto complicado, inesgotável, que fomenta discussões e polêmicas, podendo-se dizer, um verdadeiro campo minado.

Nietzsche buscava a abolição do cristianismo, por entender que seria uma criação de alguns fracos e covardes que usaram a moral cristã para perverter e acovardar a humanidade, "disfarçando" o real espírito do homem. Para Nietzsche, os Judeus seriam culpados pela inversão da equação de valores aristocrática, enxergando isto como um grande golpe na humanidade. O que ele pretende mostrar é que o tipo de homem que a metafísica e a moral

cristã visam modelar é um tipo fraco, no sentido em que, para ser moral, deve abster-se de uma parte da realidade, a mais concreta. Nietzsche entende que o homem ideal da moral cristã é um homem com metade de seu ser comprometido, paralisado.

A filosofia nietzschiana propõe uma ética a ser praticada por aqueles que têm coragem de enfrentar a vida sem aprisionarem-se em morais, com a clareza de perceber que o mundo sensível é verdadeiramente real porque mutável, vivo e um constante devir. Considerando que o medo é a base da moral cristã, podemos dizer que a obra genealogia da moral é uma proposta de “choque de realidade e saúde mental” que almeja libertar e eliminar o ser humano do medo, da ignorância, dos instintos enfraquecidos e da sua vontade doentia de não aceitação da vida.

Na obra “genealogia da moral”, Nietzsche nos leva a refletir vários temas com questionamentos variados, como: *“Teria o homem menos necessidade de recorrer ao além para solucionar seu enigma de existir, agora que esse existir aparece como ainda mais gratuito, ínfimo e dispensável na ordem visível das coisas?”* (NIETZSCHE, 1998, p. 63); *“O que ocorre exatamente, você está erguendo ou demolindo um ideal?”*; *“Mas nunca se perguntaram realmente a si mesmos quanto custou nesse mundo a construção de cada ideal? Quanta realidade teve de ser denegrida e negada, quanta mentira teve de ser santificada, quanta consciência transtornada, quanto “Deus” sacrificado?”* (NIETZSCHE, 1998, p. 36).

Com um olhar distante de sua época, Nietzsche prevê que ocorrerá grandes reviravoltas, resultado de uma interminável confusão de idéias entre o povo, exatamente quando a massa perceber que todo o cristianismo se baseia em conjecturas em matéria de “Deus”, imortalidade, autoridade da Bíblia, etc.

Sem ignorar que haja algum modo de conhecer “mais elevado”, pelo qual possamos descobrir verdades ocultas à ciência e ao intelecto, a proposta de Nietzsche almejava que cada um de seus leitores tomasse consciência da gênese da moral e percebesse que ser cristão é entregar sua vida para uma fantasia ou para a vontade da moral dos sacerdotes. Trata-se de uma proposta que pressupõe que seja possível cada homem e mulher se conscientizar dos equívocos de sua própria cultura.

Os homens procuram definir valores para diversas coisas da vida, assumindo-as como boas ou más, belas ou feias, justas ou injustas, úteis ou inúteis. Nem sempre as mesmas coisas, através da história despertam nos homens os mesmos valores. Se analisarmos o passado humano, veremos que cada sociedade, historicamente situada, tende a construir sua própria hierarquia

de valores dominantes. Verificamos que já houve sociedades onde o principal valor foi a busca de satisfação para os prazeres físicos. Em outras a “glorificação religiosa de Deus”. E, a que vivemos atualmente os valores dominantes se referem ao acúmulo de bens materiais, a conquista de poder e influência pessoal. Nietzsche não pretende subverter os valores tradicionais para apresentar uma nova hierarquia dos valores, mas apenas esclarecer o horizonte do não-valor e, portanto, do nada e do sagrado, onde cada valor delineado de modo conceitual é tornado problemático, propõe assim uma ética a ser praticada por aqueles que têm coragem de enfrentar a vida sem aprisionar-se.

O mundo para Nietzsche não é ordem e racionalidade, mas desordem e irracionalidade. Seu princípio filosófico não era, portanto, Deus e razão, mas a vida que atua sem objetivo definido, ao acaso, e por isso se está dissolvendo e transformando-se em um constante devir (www.literaturaincultura.wordpress.com).

O intelecto humano é incapaz de encontrar respostas concludentes para muitas questões de profunda importância para a humanidade. Devemos avançar para o desejo de compreender e questionar, aproximando-se sucessivamente, da verdade, onde cada etapa é consequência de um aperfeiçoamento, e não necessariamente uma negação do que se passou anteriormente. Lembrando que para Nietzsche *não há fatos eternos, como não há verdades absolutas*.

REFERENCIAS

BITTAR, E. C. (2012). *Curso de Filosofia do Direito* (10ª ed.). São Paulo: Atlas S.A.

CAMARGO, G. A. (2008). Nietzsche: por uma ética trágica. Rio de Janeiro.

CHAUÍ, M. (1997). *Filosofia*. (8ª ed.). São Paulo: Ática.

COTRIM, G. (1987). *Fundamento da Filosofia* (2ª ed.). São Paulo: Saraiva.

DINIZ, M. H. (2008). *Dicionário Jurídico* (3ª rev., atual. e aum. ed.). São Paulo: Saraiva.

KANT, I. (1997). *Fundamentos da Metafísica dos Costumes*. (L. d. Henkel, Trad.) São Paulo: Tecnoprint.

NIETZSCHE, F. W. (1998). *Genealogia da Moral*. (P. C. Souza, Trad.) São Paulo: Companhia das Letras.

PENZO, G., & GIBELLINI, R. (2002). *Deus na Filosofia do Século XX*. São Paulo: Edições Loyola.

RAEYMAEKER, L. d. (1973). *Introdução à Filosofia* (2ª ed.). São Paulo: EPU - Editora Pedagógica e Universitária Ltda.

www.filosofia.platanoeditora.pt. (s.d.). Laboratório do pensamento.

www.literaturaincultura.wordpress.com. (s.d.).